

## Saudação do Prof. Darcy Bessone a Valle Ferreira como Professor Emérito

Nem sempre as qualificações se ajustam, com propriedade, às pessoas.

Vale Ferreira, convenhamos, tem pouco jeito para emérito. Não lhe faltam, é certo, merecimentos para fazer jús à dignidade. Mas sente-se canhestro, para trazer o colar da ordem. Desde que a Congregação lhe impôs essa insigne condição, vive a queixar-se de que a velhice é propícia a toda a sorte de vexames, dos quais ninguém consegue escapar. Até emérito quiseram fazê-lo, alega com difícil conformismo. Recorda que, de outra feita, destinaram-lhe uma insignia, a ser conferida em solenidade pública. Não lhe restou alternativa, senão a fuga, no dia em que queriam expô-lo, de crachá no peito. A tanto não o submeteriam, desabafou, pilheriando. Podem cobrí-lo de vêneras, mas venerável ou venerando recusa-se a ser. Vinga-se dos autores de tais façanhas com sutís retalhos de doce ironia. Eles o condecoram, mas pagam um certo preço pelo malfeito.

Eis aí um de seus traços mais amoráveis. Discreto, ameno, poder-se-ia dizer mesmo: meigo, mestre Vale defende-se com graciosa ironia. Atina logo com o lado grotesco das situações. Não se atrita, mas, com pés de lã, pisando de leve, de modo simpático, esquiva-se dos rabos de papel. Não fala, mas deixa perceber, às vezes apenas com um sorriso, que não é bobo.

Não há convívio melhor do que o do nosso Vale. Tem inteligentes opiniões sobre as pessoas, mas sabe reservá-las para os momentos mais íntimos. E, ainda aí, jamais emite um juízo acre. O comentário, mesmo o que porventura não seja

propriamente favorável, tem como ingredientes a sutileza e a tolerância. Pode até fazer as suas maldades, mas as faz brincando, como a que fez com um seu confrade de redação de jornal, em Juiz de Fora. O caso foi que o jornalista, interminavelmente, publicava, em capítulos, um romance no jornal em que ambos trabalhavam. A coisa já estava cansativa. Para felicidade geral, o autor tirou umas férias, ausentando-se da Cidade. Resolveu o nosso Vale dar-lhe importante colaboração: nas edições seguintes, continuou o romance, mas em cada capítulo que publicava, tinha o cuidado de matar, pelo menos, uma das personagens, em acidentes, suicídios, etc. Quando voltou o escritor, a população romanesca toda extinta, repousava na necrópole local. Não havia como prosseguir na obra...

Esteta, deleita-se na leitura de ensaios sobre música, pintura, fotografia, etc. A sua cultura, nesse terreno, por mais que a dissimula, é das melhores. Envaidece-se, todavia, de ser um primoroso fotógrafo, tanto em preto e branco quanto em cores. Carinhosamente, fotografa os amigos, cuida pessoalmente da revelação das chapas, promove a sua ampliação. E, depois, com que alegria!, vai levá-las ao fotografado, que, não fosse o receio de desapontá-lo, gostaria de dizer-lhe que já não é tempo de retratos!... Ainda se orgulha da participação nas primeiras manifestações do modernismo literário, nas badernas de Mario de Andrade, Murilo Mendes e outros. Que fina literatura poderia nos oferecer, se modificasse a sua opinião de que não vale a pena escrever!

Mesmo quando as suas atividades eram mais numerosas — professor de direito, diretor desta Faculdade, consultor jurídico da Assembléia Legislativa, Juiz do Tribunal Regional Eleitoral, advogado —, a sua vida foi sempre mansa. Caseiro, encontrou a mulher, dama modelar, superiormente dotada, a Dona Doninha, não o repouso do guerreiro, que ele nunca foi de guerrear, mas, sim, a criatura mais apta a com ele se integrar, em um lúcido ambiente doméstico, que tanto tem de terno quanto de venturoso. O namoro de Manhuaçu, entre dois jovens professores da Escola Normal local, que tanto

divertia as discípulas, conserva, ainda hoje, três décadas depois, o mesmo frescor dos longínquos dias em que apenas rabeavam o olho, um para o outro.

Repouso para o guerreiro, sim, tem sido, para mim, você, meu caro Vale. À minha pressa, aos meus tumultos, às minhas realizações, você responde com o cavaco tranqüilizador, repousante, balsâmico, do qual acabo saindo tocado até pela graça da amenidade, que, no seu caso, é tão espontânea e natural. Amansa-me, como se estivesse praticando um exercício psicológico, uma terapêutica indicada para os indóceis. Gosta você de registrar que os outros se assustam com cara feia, não se permitindo umas tantas intimidades comigo. Mestre do estilo, escrevendo com rigorosa correção e excepcional gosto, insiste em dizer que me ensinou a escrever, o que não deixa de ser um bom atestado, talvez benevolente, para quem se sente ainda um escritor inseguro e precário. Não posso eximir-me a uma confidência: nas minhas experiências afetivas, você, emérito Professor, situou-se como o melhor padrão.

E só por saber disto foi que o nosso Raul, na direção desta Escola, teve a delicadeza de eleger-me para dizer-lhe, em nome da Congregação, estas pálidas palavras.

Perdoe-nos, Vale, por o termos incluído na galeria dos eméritos, precisamente a você que já se queixa de ser, agora, retrato pendurado na parede. A culpa não foi nossa. Uma Congregação é, conceitualmente, um colégio de doutos, que sabem julgar. Estes apenas verificaram que você fez por merecer a dignidade. Ela lhe foi atribuída pelo que tão bem soube fazer nesta Casa. Que você ama como ninguém, mas que também o ama, com ternura.

Esconda, se quiser, as suas láureas, mas elas lhe são inerentes, *ut lepra cuti*.